Política de Boa Vizinhança e Literatura na primeira viagem de Erico Veríssimo aos Estados Unidos (1941).

MARIA GIRARDELLO GATTI[1]

Desde a década de 1930, com os incentivos do Governo de Franklin Delano Roosevelt, diversos escritores brasileiros foram convidados a ir aos Estados Unidos, em espécie de troca, por "boa vontade" (*good will*), entre as duas culturas. O número de culturas da equação, sabe-se, não é o simplista *dois*, e as trocas e informações entre Brasil e Estados Unidos no período da Política de Boa Vizinhança dão margem a inúmeras interpretações.

Erico Veríssimo embarcou na viagem de Porto Alegre para Nova York em janeiro de 1941, pago pelo *Department of State* estadunidense. E desde os primeiros olhares que lançava aos companheiros (desconhecidos) de bordo, parecia mapear, em curtíssimos subcapítulos do seu livro *Gato preto em campo de neve*, um a um muitos dos personagens e aspectos-chave de seu tempo, no contexto que aqui se pretende estudar. O romancista mostra-nos os efeitos da guerra que estava no horizonte, os personagens que ele conhecia a partir da mídia estadunidense que chega até Porto Alegre, os estereótipos a respeito dele como brasileiro, carregados por interlocutores de outras nacionalidades.

Embora tenha posteriormente comentado a respeito de sua suposta ingenuidade nesse primeiro encontro com a *América*, Veríssimo traz, no livro em que um narrador parece simples e despretensiosamente relatar o que vê, as conversas que tem e os personagens que inventa pelas cidades dos Estados Unidos – imagens e palavras preciosas para o estudo da Política de Boa Vizinhança.

Se por parte dos Estados Unidos buscou-se estudar a América Latina desde a época da anexação do México ao território estadunidense[2], no Brasil esses estudos começaram muito recentemente, embora já possamos citar obras de grande fôlego e

---

[1] Universidade Federal de Santa Catarina, Mestranda em História (CNPq).

[2] Um interessante mapeamento dos *Latin American Studies* foi feito por João Feres Jr. (2006). Na obra, boa parte dos estudos da academia estadunidense a respeito da América Latina desde o século XIX até o XXI é relativizada como sendo profundamente marcada por interesses políticos, repleta de equívocos representativos e arraigada a estereotipos pré-concebidos.

valor. Parece haver, no entanto, muito o que pesquisar a respeito das relações entre as Américas, com o olhar que busca questionar, do ponto de vista do Brasil e suas culturas, até que ponto houve uma "americanização" de fato, e em que medida o que ocorreu foi uma relação muito mais complexa, em via de mão dupla repleta de mediações, negociações, reinterpretações e críticas.

Em meio aos estudos emergentes que permeiam os diálogos entre Brasil e Estados Unidos nos anos 1940, o ponto de vista de Erico Veríssimo parece ser um documento privilegiado ao refletir sobre temas que vão desde a Guerra até o cinema e a Coca-cola, quando se busca compreender em que medida diferem o olhar dos estadunidenses sobre os brasileiros e o dos próprios brasileiros sobre si mesmos. A questão é enriquecedora sobretudo quando se trata da experiência deste brasileiro em particular – Verissimo –, que além de estar em uma situação estrangeira em que frequentemente é convidado a definir sua cultura, e de ser ao mesmo tempo crítico, irônico e aparentemente desarmado, tem encontros com personagens cruciais da construção cultural do período, entre escritores e produtores de cinema. Estes, além daqueles que inventa para construir a narrativa de sua viagem, personagens cuja simples necessidade narrativa de existir já sugeriria muitas interrogações.[3] Tratamos, portanto, de uma via de mão dupla entre identidades nacionais, estereótipos e leituras sobrepostas das representações de ambas as culturas.

Em *Gato preto em campo de neve*, o narrador comenta que, fora do seu país, sente como se a saudade fosse como uma lente de aumento, através da qual vê sua condição de brasileiro. As lentes através das quais a viagem de Veríssimo é contada são várias, pela condição literária da obra. A começar pelo narrador que o autor cria para

[3] Erico Veríssimo cria, além de seu narrador principal, outros dois personagens que o acompanham na narrativa como interlocutores do escritor. São "amigos imaginários" que o acompanham na viagem – "Malazarte" e "Dr. Herr Topsius"[3], cujas personalidades contrastantes poderiam remeter ao momento em que vive o autor. Malazarte é emotivo, desafiador, extrovertido; e Topsius é formal e acadêmico. Podemos lembrar que O outro Dr. Topsius da literatura da língua portuguesa é criação de Eça de Queirós, em *A Relíquia* (1887). Sabendo-se da leitura que Erico Veríssimo fez de Eça de Queirós desde a infância, parece caber a identificação de algumas referências coincidentes. No romance do século XIX, o personagem principal, Teodorico, é narrado na primeira pessoa, e faz uma viagem de um conservador Portugal rumo à Terra Santa, acompanhado de seu amigo Topsius. O Topsius de Eça de Queirós é um alemão doutor, pesquisador, equilibrado e de óculos na ponta do nariz. Veríssimo parece ter de fato se apropriado do personagem de Eça, pois é no sentido de balancear o romantismo, sarcasmo e a inspiração desmedidos de Malazarte que Topsius aparece, quase sempre dando interpretação cética e objetiva às situações que "os três" encontram. Além disso, vale notar a brincadeira que o autor faz ao levar para a *América* aquele Topsius que fora à Terra Santa.

contar a história, que, embora leve seu nome, é parte das escolhas feitas por ele ao transpor a experiência para a forma de livro.

Buscar um olhar crítico às ideias de identidade e alteridade são pontos importantes para uma análise do conteúdo da obra de Veríssimo, que lida constantemente com os embates entre brasileiros e estrangeiros. Em algumas pontuações presentes na obra de Mikhail Bakhtin podemos ver que as aparentes contradições oferecem chaves interpretativas preciosas:

> No campo da cultura, a "exteriorização" é um poderosíssimo fator para a compreensão. É só nos olhos de *outra* cultura que uma cultura estrangeira revela-se inteira e profundamente (...). Um sentido só revela suas profundezas uma vez que encontra e entra em contato com um sentido outro, estrangeiro: eles se enlaçam em uma espécie de diálogo, que supera a limitação e a unilateralidade desses sentidos particulares, dessas culturas.[4] (BAKHTIN, 1986).

É neste sentido que cabe voltar-nos para a função da obra de Erico Veríssimo no que diz respeito à posição do personagem escritor brasileiro no exterior. Além de o livro possibilitar que vejamos aspectos sobre os Estados Unidos da década de 1940, ou mesmo sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos e o horizonte da Segunda Guerra Mundial, muito se deixa ver, na narrativa construída no contraste, sobre o ser brasileiro.

O recorte temporal desta pesquisa foi a partir do ano de 1933, que é tanto um marco para a Política de Boa Vizinhança, a partir do discurso de posse de Franklin Roosevelt que a menciona diretamente, paralelamente à data da ascensão de Hitler, quanto para o romance social brasileiro, com a publicação do "romance proletário" *Cacau*, de Jorge Amado, junto a uma onda de definições de posicionamentos políticos na literatura de esquerda em meio a um mundo polarizado. E 1942 marca a entrada do Brasil junto aos Estados Unidos (que haviam entrado no ano anterior) na Segunda Guerra Mundial, pontuando finalmente uma aliança que foi construída, não sem esforços e correntezas contrárias, e utilizando diversos instrumentos culturais para motivar tal aliança, que não era nada óbvia para o governo de Getúlio Vargas até então.

[4] *In the realm of culture, outsideness is a most powerful factor in understanding. It is only in the eyes of another culture that foreign culture reveals itself fully and profoundly (...). A meaning olny reveals its depths once is has encountered and come into contact with another, foreign meaning: they engage in a kind of dialogue, which surmounts the closedness and one-sidedness of these particular meanings, these cultures.* (tradução própria da versão inglesa).

Os anos que antecedem a entrada na guerra são marcados por profundas incertezas no que diz respeito às escolhas internacionais do governo de Getúlio Vargas e, por conseguinte, intensas influências e negociações do governo de Roosevelt para com o Brasil, em busca de um aliado. A estas relações chamou-se Política de Boa Vizinhança.

O termo já será utilizado no primeiro discurso de posse de Franklin D. Roosevelt (14 de março de 1933), quando o presidente estadunidense fala de países "bons vizinhos" em um sentido amplo de apoio mútuo entre as Américas. Mais tarde, Getúlio Vargas também tornará frequente no seu vocabulário os conceitos que remetem a um "apoio interamericano", e em outubro de 1939 assinará a "Declaração de Solidariedade Continental" (GARCIA, 2008; p. 17).

Enquanto para Roosevelt as preocupações sociais e de intervenção do Estado na economia têm suas particularidades norte-americanas, liberais e democráticas, diferentemente do caso brasileiro ou alemão, sua origem é comum à maioria dos líderes de estado da época: a crise econômica, e, em última instância, a crise do próprio Liberalismo, que acarretou, se não governos "extremos" e ditaduras, no mínimo uma polarização generalizada do globo, tanto em posicionamentos externos quanto internos (HOBSBAWM, 2001).

No caso do governo estadunidense, a escolha é pelo *New Deal* e pelo *Welfare State.* Já no Brasil, embora o bem-estar social seja uma preocupação clara no horizonte, não se pode ignorar uma evidente inclinação do Estado Novo na direção dos "Estados Fortes".

Gerson Moura (1980) se propõe a negar a afirmação de uma dicotomia visceral entre política e economia ou mesmo entre os países. Não pensaremos, assim, em Brasil e Estados Unidos como dois blocos monolíticos. Há disputas internas, forças diferentes dentro de um mesmo país e também dentro de um mesmo governo. Levamos isto em conta na maioria dos estudos históricos contemporâneos, mas nas relações internacionais há certa tradição em pensar os países como monolíticos. As disputas internas, longe de serem insignificantes, podem determinar os rumos das decisões.

Quando Roosevelt anuncia a Política de Boa Vizinhança, em 1933, não havia coesão, interna ou externa, entre os países envolvidos e nem todos os governos das Américas acatavam a ideia. O fato de que o panamericanismo serviu de força

aglutinadora não significa que fosse visto da mesma forma por todos os lados. Mesmo por parte dos Estados Unidos, foi o conceito escolhido para trazer um arsenal de ideologias, que comumente chamamos *american way of life* – ação esta que deve também ser relativizada, já que, como veremos, a interface destas "importações culturais" é muito mais complexa do que a da importação de garrafas de Coca-cola.

Diante da polarização que muda a política no mundo todo e acarreta novas medidas de difusão cultural afim de ampliar o alcance de determinadas ideologias, o debate entre os escritores e intelectuais do período oferece um enriquecimento do debate, tendo sido os anos 1930 a década de um romance "participante, social e realista" (CANDIDO, 1972, p. 47).

Em sua *História do romance de 30*, Luís Bueno identifica no período de 1933-1936 o auge do romance social, num contexto que intitula "plena polarização". Compreender os posicionamentos políticos na literatura do período é importante para pensarmos na obra de Veríssimo, que funda sua carreira então, e cuja viagem a partir da qual é construído *Gato preto* tem motivações profundamente entrelaçadas à política internacional. E esta, por sua vez, como vimos, encontra-se num momento emblemático entre a crise do liberalismo e a ascensão de regimes totalitários de esquerda e de direita. Além disso, veremos que Veríssimo, como os escritores de sua geração, acabará por falar, em seu livro de viagem para o exterior, da *realidade brasileira.*

Enquanto Jorge Amado se posicionava como escritor das massas, produzindo o *romance proletário*, "houve também autores que procuraram soluções técnicas que permitissem uma espécie de fusão entre os dois lados, na tentativa de construir aquele todo, que foi referido, no interior de uma única obra." (BUENO, 2006, p. 373). Erico Veríssimo seria um exemplo desta espécie de exceção à regra dentre os escritores socialistas dos anos 1930.

A construção de cenas com esta "simultaneidade" se faz vividamente presente em *Gato preto*, em que os dias da viagem são narrados como desenvolvendo-se entre conversas com engraxates, taxistas, escritores e senadores.

Em 1943 Erico Veríssimo foi novamente aos Estados Unidos, desta vez aceitando um convite para dar cursos e conferências sobre literatura brasileira na

Universidade da Califórnia, Berkeley. O escritor vai com a família – a esposa Mafalda e os filhos Clara e Luís Fernando, e a partir da estadia escreve *A volta do gato preto* (1961). É interessante perceber que, enquanto a narrativa de *Gato preto em campo de neve* se passa antes da entrada dos Estados Unidos na Guerra, em *A volta do gato preto* vemos uma experiência num país em guerra, e são perceptíveis as diferenças entre uma e outra obra, a pesar do curto intervalo de tempo entre elas.

Passamos então a exemplificar alguns trechos de *Gato preto em campo de neve*, buscando-se aqui enxergar o que eles carregam em termos de representações de Brasil no imaginário dos estadunidenses que conhece, bem como as possíveis representações *a priori* de "Estados Unidos" que o próprio autor deixa transparecer em seus relatos de primeiras impressões. Trataremos, portanto, de uma via de mão dupla entre identidades nacionais, estereótipos e as leituras sobrepostas das representações de ambas as culturas.

A bordo do *Argentina*, que sai do Rio de Janeiro com destino a Nova York, Erico Veríssimo encontra-se por muitos dias sozinho a observar os desconhecidos companheiros de viagem. Ora engraçados, ora dramáticos, entre a lista dos personagens que cria a partir do que vê estão "O Rabino", "O Ex – Campeão [de Boxe]", "O Venezuelano Errante" e a "Polonesa de olhos tristes", cuja frase transcrita marca um tom grave para aquele dia:

> Se o senhor visse o que eu vi – murmura a polonesa, com os olhos tristes fitos nas ondas – decerto nunca mais escreveria romances. Porque havia de ver como a ficção é pobre e ridiculamente inexpressiva diante da realidade. A vida é muito mais fantástica, muito mais cruel… (p. 35).

Mas o ar dramático logo se dissipa com comentários jocosos e irônicos a respeito de outras figuras. Esse tipo de contraposição de humores acompanhará o livro, e pode-se observar em diversos momentos que o personagem de Erico está, no enredo do livro, num país que recuperou-se de uma crise e é de um lado otimista, e de outro, está em clima de guerra mundial, e os comentários alheios sobre um ou outro lado intercalam-se, de forma quase natural.

Assim se dá a primeira vez uma passagem em que o escritor aparece em sua condição neutra e inofensiva diante da guerra: depois de longa espera na fila da

imigração do desembarque, o representante do governo lê o passaporte de Erico Veríssimo:

> – Brasileiro… escritor…
>
> Manda-me passar.
>
> Dois passageiros italianos e três alemães foram há pouco retirados de bordo e levados para terra, como prisioneiros. (p. 41).

Em mais um jantar em Washington, desta vez com senadores e suas esposas, o romancista brasileiro convidado é mostrado no livro como fora da equação, e quando aparece na narrativa é apenas para falar de sua condição física ou do gosto pela comida, enquanto os seus anfitriões e amigos destes falam sobre os assuntos políticos mais gritantes do momento. O interessante desta passagem é como são intercaladas frases bastante graves sobre a guerra com outras corriqueiras e descrições um tanto supérfluas e até engraçadas a respeito do fino jantar.

> Quando chega o peru, acompanhado de horrenda gelatina verde que sabe a menta, estamos a discutir Wilson e a I Grande Guerra.
>
> – Prove este vinho tinto da Califórnia – sugere a dona da casa.
>
> Obedeço.
>
> – Não é mesmo muito gostoso? No Brasil se fabricam vinhos?
>
> O torpor do enfaramento se vai aos poucos apoderando de mim. Miss McGeachey me parece mais loura, vaga e inglesa. Mrs. Rifat Lidana, distante e irreal como uma deusa.
>
> O senador Pepper traz para cima da mesa a Batalha de França.
>
> – Que virá depois desta guerra? – pergunta alguém. – Uma nova ordem ou o caos?
>
> – Ganhe quem ganhar a guerra – afirma o dr. Warren, com sua voz estridente – o mundo tem de voltar ao regime da lei. Os homens não podem viver sem a lei. – Bate com o punho na mesa. – E seja qual for o resultado do presente conflito, a economia do futuro terá de ser dirigida.
>
> A sobremesa, que não posso recusar, agrava a minha situação interna.
>
> Tomamos café na sala-de-música (...) (p. 124).

O assunto da guerra aparece como uma incongruência em meio àquele jantar. "O Senador Pepper traz para cima da mesa a batalha de França" poderia ser escrito de outra forma, mas assim soa calculadamente pitoresco. Além de novamente o papel de

Veríssimo ser de neutralidade, há um tom quase cômico em narrar a retumbante frase do "dr. Warren", que chega a bater na mesa, seguida de um comentário sobre a constrangedora situação de ter o convidado que aceitar tudo o que lhe é servido pelo anfitrião. Por fim, a cena é encerrada com uma elegante mudança de sala para tomar o café, o que garante que mais uma vez o assunto da guerra pareça deslocado, ou os luxos supérfluos e alienados. De uma ou outra maneira, esta parte da narrativa não segue o drama óbvio que certa o tema da guerra, mas sim o evita.

Durante uma entrevista ao "rádio das estrelas" K.M.P.C., O locutor combina com o entrevistado Veríssimo que as perguntas serão improvisadas na frente do microfone, para que o diálogo "tenha o sabor da naturalidade". Ao ser intimado a falar do perigo alemão no Brasil, entretanto, o personagem de Erico "neutraliza" o debate com humor:

> Tudo começa muito bem. Há no Brasil o perigo nazista? Que pensam os brasileiros da guerra? (...) quando faltam poucos segundos para terminar a entrevista, meu interlocutor me atira estas palavras:
>
> – É verdade que nos clubes de aviação do Rio Grande do Sul há muitos alemães?
>
> – É. – respondo. – E nos clubes de golf muitos americanos.
>
> O homem desata a rir. (p. 520).

No início da viagem e do livro, no sub-capítulo chamado "O Descobrimento da América", Erico transcreve o que teria sido seu diálogo com o oficial da imigração, na condição tranquila de brasileiro que está ali a convite do governo americano:

> – Quem lhe pagou a passagem? – indaga o funcionário, erguendo para mim um par de olhos azuis e aguados.
>
> – O Governo americano.
>
> – Por que motivo?
>
> Hesito um instante e, para encurtar a história, resumo-a em duas palavras:
>
> – Boa vizinhança.
>
> Ele me contempla por alguns segundos, com frio ar de dúvida.
>
> – Quanto tempo se vai demorar no país?
>
> – De três a quatro meses.

> – Que veio fazer?
>
> – Viajar, ver pessoas e coisas. E fazer conferências, se não houver outro remédio. (p. 45).

O autor relata um encontro, na saída do navio, com um sujeito que caracteriza como parecendo ser "missionário metodista nas Filipinas":

> (…) me agride com uma pergunta brusca:
>
> – O senhor é jogador do Botafogo?
>
> – Não. Eu sou Mickey Mouse.
>
> (…) Céus! Será que trago na face o estigma futebolístico? (p. 46).

Este é o primeiro de muitos momentos ao longo da obra em que Erico Veríssimo vive situações em que sua personalidade/identidade é confundida devido a estereótipos existentes a respeito de brasileiros. Suas reações, nunca amargas, são saídas pela via do humor.

Em encontro de escritores em Washington, o romancista se vê conversando com "Miss T." e "Mrs. K."[5], que segundo ele "querem saber coisas do Brasil." (p. 80) numa situação que está longe de ser rara ao longo da obra.

> Vejo que estão ávidas de pitoresco. Querem saber onde fica o meu Estado. Mostro-lhes o Rio Grande num mapa de bolso. (…) faço o possível para desenhar um gaúcho de bombachas, (…). Falo-lhes no mate-chimarrão. Com grande esforço consigo explicar-lhes o que é uma cuia. Brotam perguntas.
>
> – Mate tem álcool?
>
> – Não tem.
>
> – É gelado?
>
> – Quentíssimo.
>
> – Toma-se com canudo de palha?
>
> – Não. Com uma bomba de prata.
>
> – *Oh! How Interesting!*[6] (p. 80).

---

[5] Alguns de seus interlocutores são chamados no livro por nome completo, cargo profissional e endereço. Outros, Veríssimo aponta com siglas indecifráveis. O critério de distinção parece ser a simples vontade do sujeito citado, já que, tanto em sigla quanto por extenso, encontramos ao longo da obra artistas famosos, passantes aleatórios das ruas, esposas de amigos e agentes de ambos os governos.

[6] Em diversos momentos o autor faz uso de expressões da língua inglesa junto ao texto em português, tanto na fala alheia quanto nos seus próprios relatos, incluindo gírias como *yes*, *sir* e *oh, boy!*. Muitas vezes essa inserção dá ar quase cômico à situação descrita.

Já em outro momento, o personagem de Veríssimo conta que uma moça em uma festa presumiu que o brasileiro era plantador de fumo, e ele então assumiu a identidade – o que seria, segundo o autor, mais fácil do que tentar explicar "quem sou eu". (p. 83). E assim ele segue, respondendo se no Brasil há muitas cobras, entre outras questões que não dizem respeito à vida cotidiana do romancista.

Assim percebe-se que há uma certa flexibilidade e quase tranquilidade do personagem ao reagir a estes eventos flagrantes de caricaturização do brasileiro segundo os estadunidenses. Como o narrador comenta ao término do livro, "estava de férias", e não chega a militar contra os estereótipos vigentes, embora reconheça-os. Mas vale notar que Veríssimo escolhe relatar estes diálogos, que são muitos, e vão desde casuais conversas sobre o tempo na rua até sarcásticos comentários em mesas de jantar com políticos. O desconforto perante as estigmatizações simplistas dos estadunidenses em relação aos brasileiros, no entanto, aparece no capítulo final da obra "Diálogo sobre os Estados Unidos" no sentido de simplesmente apontar, com mistura de compreensão e sarcasmo, que

> (…) o diabo é que como são fracos em geografia e dispõem de tão pouco tempo, voltam-se (…) para as fórmulas. Quando leem o nome Brasil impresso num cartaz, o quadro que se lhes desenha na mente é – um céu azul, algumas palmeiras, uma cobra no chão, um negro carregando às costas um saco de café, um "muchacho" dançando a rumba, e talvez uma borboleta ou duas. (p. 552).

É interessante, ainda, notar que o que se mostra ao longo de *Gato Preto em Campo de Neve* não é uma espécie de diálogo de surdos, em que nenhuma das nações verdadeiramente ouve a outra. Dependendo do contexto em que se dão os encontros de Veríssimo com residentes dos Estados Unidos, percebe-se que há uma ampla zona cinza entre os imaginados e generalizantes interlocutores "*América*" e "Brasil".

É exemplo disso a visita de Veríssimo a Van Loon, morador de Nova York de origem holandesa que o recebe dizendo: "Então o senhor anda fazendo boa vizinhança..."(p. 211), e em dado momento, quando Erico Veríssimo menciona que o pôr-do-sol brasileiro costuma ser mais demorado, o anfitrião comenta, bem-humorado: "Até nisso vocês sul-americanos são lentos" (p. 216). Embora a isto Veríssimo retruque: "E de que tem servido a pressa para os americanos?", mantendo o tom jocoso, o que parece mostrar este diálogo é que o estereótipo do sul-americano já era para alguns tão evidentemente equivocado que era possível brincar com ele.

> Tenho a impressão de que somos pobres 'nativos', afilhados duma senhora muito rica e caritativa – madrinha América – que nos dá prêmios de viagem, bolsas de estudo e matrículas gratuitas, para que sejamos sempre bons meninos. (É por isso que eu me sinto um pouco parente daquela hawaiana que ali está lendo ao pé da janela ogival, do mulato de São Domingos que agora atravessa o hall com ar desconfiado, e daquele melancólico japonês que há vários minutos está brincando com a corrente do relógio, sob a luz duma lâmpada velada.) (p. 306).

Neste trecho, o texto faz mais uma combinação interessante. Se ao falar da "Madrinha América" que quer que os "pobres nativos" sejam "bons meninos" o tom é irônico, o conteúdo alocado entre parênteses revela um narrador genuinamente comovido pela sua condição ao lado de outros "nativos" de países subjugados.

> Mr. W. B. tem fortes sentimentos panamericanistas. Quando vem a saber que estou em Chicago, telefona-me amavelmente, convidando-me para jantar, sugerindo visitas oficiais, chás, reuniões, conferências... (...) tenho de realizar pródigos de retórica com o fim de dizer ao excelente senhor, sem lhe ferir os sentimentos, que detesto jantares e que não vim à América só para ver interiores elegantes e nem para viver metido em festas bebericando cocktails e mordiscando sanduíches. (...) Um brasileiro que mora na International House já havia me dito: 'Cuidado com Mr. W. B. É sinistro. Gosta tanto de ajudar os sul-americanos que acaba estragando-lhes o passeio.' (p. 307).

A forma com que estas pessoas de "sentimentos panamericanistas" tratam os estrangeiros aparece algumas vezes ao longo do livro, fazendo com que pensemos que na maioria das vezes sejam daqueles encontros marcados pela organização da viagem, sem intenção do romancista. Vemos então o quanto a viagem foi oferecida com este ideal, o de "fazer a Política de Boa Vizinhança". Mas também notamos no texto uma forma natural de comentá-lo. Quando o narrador adiciona que um outro brasileiro aconselha que o escritor tenha "cuidado" pois o tal Mr. W.B. gosta muito de "ajudar os sul-americanos", parece que todos sabem das intenções "panamericanistas" (em última instância, geopolíticas) daqueles estadunidenses, e não são de forma alguma passivos diante da situação. Pelo contrário, as escolhas textuais engraçadas do narrador levam a crer que havia um evidente olhar crítico dos brasileiros frente à Boa Vizinhança escancarada.

> Quando querem ser gentís para com os estrangeiros, os americanos procuram dizer aqui e ali, durante a conversação, uma ou outra palavra na língua do visitante. É por isso que alguns me falam

> frequentemente em sombrero, perguntam se eu tenho o hábito da siesta, despedem-se de mim com um adiós e acabam um dia me convidando para uma fiesta. (p. 317).

Finalmente, voltando ao início do livro, vemos um narrador que, embora carregue certos preconceitos mais comuns no seu tempo, deixa transparecer um reconhecimento da complexidade da situação de brasileiros e estadunidenses no seu diálogo em buscarem se aproximar – eles, indivíduos de tais nacionalidades, em conversas no cotidiano, enquanto o quadro maior da política estimula tais encontros.

> Mr. M. Me faz perguntas sobre o Brasil, lamenta que os americanos do norte sejam tão ignorantes dos homens e das coisas da América do Sul. Respondo-lhe que parte da culpa nos cabe a nós, sul-americanos, que poucas vezes ou nunca tentamos desmentir a lenda corrente de que não passamos dum bando de índios e negros preguiçosos que se alimentam de banana, de rumba e de macumba sob céu de trópico, de sol tórrido (p. 70).

Tomando-se as devidas proporções em relação a termos utilizados pelo autor na época que hoje seriam politicamente incorretos, e vendo em que medida as auto-imagens de certa forma representam o quanto os brasileiros carregam de estereótipos pejorativos de si mesmos nesse momento, podemos começar a compreender, no livro de Veríssimo, parte dos movimentos ideológicos e de construção de identidades nacionais, em evidentes vias de mão dupla, que ficam sob espécie de lente de aumento, como disse o narrador, ao depararem-se com "o outro".

Entre os momentos iniciais de *Gato preto em campo de neve*, em que o viajante relata a vida a bordo do vapor *Argentina* rumo aos EUA, há a narração do misterioso instante em que o navio passa do hemisfério sul para o hemisfério norte:

> Assim se passam as horas no mar das Caraíbas. Assim deixamos para trás o mar dos piratas e dos tesouros até que um dia, sem que possamos ver fronteiras, passamos misteriosamente do verão para o inverno. O céu se turva. O sol desaparece. As águas se agitam. Os tons de verde e azul que predominavam na paisagem marinha, se fundem num cinzento frio e único, sem horizontes. A piscina está seca e já pelo *promenade-deck* não vejo mais a parada alegre dos pijamas e dos maiôs. Numa aura de cânfora e naftalina ressurgem sobretudos, luvas, mantas e cobertores. (Veríssimo, 1941. p. 43).

A descrição desta experiência parece, de alguma maneira, simbólica do que o resto da história da viagem aguarda para o personagem do romancista brasileiro. Ele vai do sul ao norte, de um lado da moeda ao outro. E de fato há mudanças drásticas nessa

transição. Só de início, as estações são ao contrário. Mas a fronteira, por mais definitiva e gritante, não é um muro. Ao longo dos diálogos criados pelo autor no livro, vemos no contexto de sua produção a expressão de uma conversa entre pessoas bastante diferentes, mas que falam a mesma língua.

Embora critique muitos aspectos dos Estados Unidos, como talvez criticaria se fosse sobre o Brasil, *Gato preto em campo de neve* é um livro da Política de Boa vizinhança. Disso já suspeitávamos, ao escolhê-lo para analisar em busca de compreensão sobre aquele período. No entanto, em conclusão, ele nos mostra uma Política de Boa Vizinhança intimista, natural e repleta de autocrítica e capacidade de rir de si mesma. Parece ser a Política de Boa Vizinhança vivida pelos artistas, que não aparecem como fantoches de estratagemas diplomáticos, mas sim caminhando nos passos do seu contexto, de olhos abertos. Afinal de contas, como vimos com Gerson Moura, nem os estratagemas políticos eram tão definitivos e certos de si.

Quando o personagem de Veríssimo e seus interlocutores falam da guerra, não falam em "Guerra" como uma abstração, simples palavra que significa o oposto de "paz", (e é portanto abominável.). Falam daquelas circunstâncias específicas que vivem – devemos entrar nesta guerra? Pelo que estaríamos lutando? A resposta algumas vezes aparece: "democracia", "liberdade"... de modo geral, *defender* aquilo que está indo bem. De maneira quase imperceptível, o texto de Veríssimo dá dicas de que no Brasil do Estado Novo não há democracia por defender, e que os dois vizinhos, quanto ao sistema governamental, não estão na mesma página. Mas, pelas motivações que vimos no primeiro capítulo deste trabalho, ambos os governos insistem naquele momento em aproximar-se, aproximando assim os seus habitantes, e seus escritores, que serão incentivados a narrar tal aproximação.

Quando decidem em que se fundamentará esta boa vizinhança, aqueles responsáveis também sabem que a democracia não é exatamente algo com que o país idealizado por Getúlio Vargas se identificaria. A empreitada será de um esforço *continental*. Ora, o Brasil nunca deixou de pertencer ao mesmo continente americano que os Estados Unidos. A integração que se dá no período da Política de Boa Vizinhança, no entanto, não voltará a se repetir. Poucos anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando em 1950 os Estados Unidos entram em guerra contra a Coreia do Norte, o Brasil não dará auxilio. Em *A volta do gato preto* Veríssimo escreve sobre

uma experiência nos Estados Unidos que é mais longa e em outro momento: em plena Segunda Guerra Mundial, com ambos os países atuando nela, relatada posteriormente. Neste segundo livro, o tom é diferente e a percepção já é outra.

No prefácio da edição de 1953 de *Gato preto*, Veríssimo comenta que optou por não fazer alterações nesta edição em relação à primeira edição, de 1941: "É possível – certo até – que eu já não participe de todas as opiniões sobre os Estados Unidos expendidas por mim no diálogo imaginário que aparece no fim da obra.". Ele completa dizendo que se cada livro pertence a uma determinada época da vida do escritor, talvez não fosse "lícito" que o autor de hoje corrigisse o de ontem. Além disso, nessa reflexão que faz o escritor, este não se coloca como variável única para a formação da primeira edição: a última frase do prefácio é "E acaso serão os Estados Unidos de ontem os mesmos de nossos dias?". Ou seja, as mudanças se dão num plano pessoal e também, de forma intrínseca, no contexto histórico, sendo que este modificou-se rápida e bruscamente após o interlúdio da Boa Vizinhança.

Assim, o romancista situa *Gato preto em campo de neve* para nós: um livro de seu tempo, que por acaso foi um curto e singular período em que as relações entre Brasil e Estados Unidos foram de "vizinhança". Por sabermos que os períodos, por mais singulares, não vivem isolados do resto do tempo que os segue, a obra de Veríssimo ajuda grandemente a compreendermos aquele ontem, a partir da narrativa de um escritor que naquele momento fazia aquelas escolhas.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Speech genres and other late essays**. Texas: University of Texas Press, 1986.

BUENO, Luís. **Em plena polarização: o auge do romance social**, 1933-1936. In: Uma História do romance de trinta. São Paulo/Campinas: Unicamp, 2006.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história da literatura. São Paulo: T.A. Queiroz editor, 2002.

FERES Jr, João. **O Conceito de *Latin America* nos Estados Unidos.** Bauru: Edusc, 2006.

GARCIA, Eugênio Vargas. **Diplomacia Brasileira e Política Externa**: documentos Históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MOURA, Gerson. **Autonomia na Dependência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

VERÍSSIMO, Erico. **Gato Preto em Campo de Neve**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1953. [1942].